



# José do Telhado, cantado e decantado em obras literárias: honra, coragem e justiça

*José do Telhado, song and decanted in literary works: Honor, courage and justice*

César Barreira  

cbarreira08@gmail.com

Universidade Federal do Ceará - UFC

 10.52521/21-8724

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 02/09/2022

Aprovação do trabalho: 02/04/2023

Publicação do trabalho: 10/07/2023

## Resumo

Neste texto, reflito sobre as representações realizadas, por meio de romancistas, sobre um bandido-herói português, José Teixeira da Silva, conhecido como José do Telhado, que viveu no século XIX, na região do Distrito do Porto, Portugal. José do Telhado comandou uma quadrilha de salteadores que tinha como aspectos importantes evitar “o uso da violência física”, fazer uma classificação moral das suas possíveis vítimas, bem como, o fato de “roubar dos ricos para distribuir com os pobres”. A máxima difundida é a de que ele perseguia uma moral, procurava uma honra, tendo como corolário ou contraposição o estabelecimento de uma “justiça popular”. Camilo Castelo Branco, celebrado romancista de Portugal notabilizou José do Telhado, germinando um salteador ilustre, de renome e célebre, dando asas à imaginação popular. Foi classificado por alguns romancistas, que se dedicaram a esse tema, como o maior salteador/bandido do século XIX, de Portugal, tendo sido degredado, para a África. Na trajetória dele, nos romances, esse personagem é enaltecido pelos valores de bondade, altruísmo, resiliência e em razão de um comportamento íntegro.

## Palavras-chave

José do Telhado. Bandido de Honra. Camilo Castelo Branco. Romances.

## Abstract

In this text, I reflect on the representations made, through novelists, of a Portuguese bandit-hero, José Teixeira da Silva, known as José do Telhado, who lived in the 19th century, in the Porto District region of Portugal. José do Telhado commanded a gang of robbers whose important aspects were to avoid “the use of physical violence”, to make a moral classification of their possible victims, as well as the fact of “stealing from the rich to distribute with the poor”. The widespread maxim is that he pursued a morality, sought an honor, having as a corollary or opposition the establishment of a “popular justice”. Camilo Castelo Branco, celebrated Portuguese novelist, made José do Telhado notable, germinating an illustrious, renowned, and famous robber, giving wings to the popular imagination. He was classified by some novelists, who dedicated themselves to this theme, as the greatest robber / bandit of the 19th century, from Portugal, having been exiled to Africa. In his trajectory, in the novels, this character is praised for the values of kindness, altruism, resilience and due to an honest behavior.

## Keywords

José do Telhado. Bandit-hero. Camilo Castelo Branco. Novels.

## Introdução

Neste artigo, reflito sobre as representações realizadas, por meio de romancistas, sobre um bandido-herói português, José Teixeira da Silva, conhecido como José do Telhado, ou mesmo Zé do Telhado, que viveu no século XIX, na região do Distrito do Porto. Natural do lugar denominado Telhado, Freguesia de Castelões de Recesinhos, Junta de Penafiel, Zé do Telhado era filho de um conhecido assaltante Português - Joaquim do Telhado. Nasceu no dia 22 de junho de 1818 e faleceu em 1875, em Angola, na região de Malange.

José do Telhado comandou uma quadrilha de salteadores que tinha como aspectos importantes o fato de evitar “o uso da violência física”, mas, principalmente, a máxima de fazer uma classificação moral das suas possíveis vítimas. Consta que os seus roubos eram cometidos somente contra pessoas representadas como “velhacas”: mau patrão, mau esposo e homens ricos e avaros, incluindo, nesta classificação, clérigos da Igreja Católica. Em alguns romances, são relatadas situações em que o personagem Zé do Telhado anunciava os assaltados, como também ensejava uma solução, em um misto de acordo e ameaça.

O personagem tinha como distintivo, popularmente reconhecido, o fato de “roubar dos ricos para distribuir com os pobres”, assumindo, neste sentido, o lugar de “repartidor público”. A imagem de benfeitor, no entanto, não é consensual, pois encontrei em vários romances portugueses a expressão “Zé do Telhado” aplicada para referir-se genericamente ao bandido ou ladrão, como expresso na obra *A Sibila*, de Agustina Bessa Luís, laureada escritora portuguesa, tendo obtido o Prêmio Eça de Queiroz, em 1954. Nesse livro, Zé do Telhado aparece sendo comparado ao “Velho do Saco” e ao “Lobisomem”, figuras da credence popular, usadas para amedrontar, principalmente, as crianças. As práticas ou ações do Salteador são desclassificadas com suporte nesta reflexão

[...] a verdade é que entre o povo a noção de propriedade está por demais arraigada para que um ladrão, por mais heroico ou altruísta, não seja julgado como infame. Um assassino é tolerado, pode partilhar o pão dos seus vizinhos, pode fazer esquecer o seu crime. Um ladrão lega a toda a sua descendência um ferrete indelével, porque, se o homicida as mais das vezes obedece a uma paixão, um impulso resgatável e quase nunca repetido, o ladrão traz no sangue, e assim o comunica, o fogo da tentação que as circunstâncias, mais ou menos, ou velam ou expandem. Esses famosos capitães-bandoleiros que o vício romântico faz mártires e faz glórias nacionais, não passam entre os seus conterrâneos senão por homens cujas virtudes foram reduzidas a instrumentos de perdição e de crime. Admiravam José do Telhado, pasmando das suas fugas insólitas, a coragem carnicera que o fazia coser com a agulha de castrador o próprio ventre anavalhado; louvavam a sua generosidade, comum a homens de tal tipo, que acabam por se explicarem como reformadores sociais e se fanatizam contra a lei, mas o povo não lhe perdoava a quebra de confiança a que o obrigava, nem a traição que desse facto, mutuamente, resultava” (BESSA-LUÍS, 1998, p. 29).

O surgimento desse personagem é explicado ou justificado em romances que tratam dessa figura dramática, pela miséria econômica reinante, principalmente nas áreas rurais de Portugal, bem como pela existência de outros bandos de salteadores, o desencadear das guerras civis, o clima de forte injustiça social e a ausência de uma justiça, por parte do Estado ou de uma “justiça imparcial”. Este quadro o teria impelido a uma vida fora da lei e o tornado um bandido ou um “herói abortado”, pelas condições sociais e políticas da época.

A máxima difundida é a de que ele tinha consciência das injustiças sociais e pretendia, então, proteger os humildes, distribuindo com eles os produtos dos seus assaltos; assim perseguia uma moral, procurava uma honra, tendo como corolário ou contraposição o estabelecimento de uma “justiça popular”.

O registro recursivo (seja isso expresso) na historiografia de personagens que ocupam um lugar de bandido e de herói conduziu-me a refletir sobre a formulação e reprodução da memória de um agente social constituída entre um misto de ficção e realidade. O caso a que me reporto neste escrito enroupa uma mistura de valores que dizem respeito, não só, à maneira como os bandidos são postos na função de heróis, mas, também, na condição de “fora da lei” - *utlagatus latro* - tal como é veiculado pelas instituições judiciais, mas, principalmente, nos romances.

Ressalto, neste sentido, que tanto a ordem como a desordem, o legal e o ilegal, bem como as classificações sobre as práticas conflituosas, os comportamentos desviantes, têm que ser analisados como partes de uma produção social.

Sem o intento de desconstituir equívocos, tampouco de refutar afirmações, persigo a memória ou, melhor expressando, a “memória cultuada”, sobre este personagem, analisando as variadas representações estabelecidas romanescamente sobre ele. Tenciono compreender como se configuram as imagens desta figura aventureira em diversos lugares da vida social, mais especificamente, a formulação do seu capital simbólico nas obras literárias.

Na trajetória desta *liber figure* mesclam-se, sempre, as ideias de um homem honrado e de um quadrilheiro, tendo como forte ingrediente, como é comum na vida de “bandidos-heróis”, uma grande paixão. No seu caso, a paixão por uma prima, conhecida por Aninhas. Este sentir apaixonado configura um homem com sólidos princípios morais, leal e galante, sendo cobiçado por várias mulheres, mantendo sempre a fidelidade a sua escolhida.

Interessei-me por analisar como a biografia de Zé do Telhado é contada, nos romances, quais os aspectos destacados e outros negados, ou não ditos, não revelados. Um dado importante é a constituição de um “patrimônio cultural”, sedimentado nesse personagem, que possibilita o surgimento de uma “memória registrada em materiais”.

Uma “memória louvada” foi estabelecida pelos escritores, teatrólogos, cineastas e narradores, negando, em princípio, um possível lado violento, agressivo e cruel. Os textos escritos sobre ele auferiram duas dimensões: aparecem como fonte de dados; e feitos de um patrimônio cultural elaborado e amparado na figura de José do Telhado.

## Romances, um norte, uma “memória cultuada”

Camilo Castelo Branco (1825-1890), celebrado romancista de Portugal notabilizou José do Telhado. O Escritor o conheceu na Cadeia da Relação do Porto, em 1860 e 1861, e, no livro *Memórias do Cárcere* (2004), com a 1ª edição em 1862, por via de extenso relato, faz, praticamente, uma biografia desse salteador lusitano. Tal biografia, prenhe de valoração social, é carregada de admiração, e, sobretudo, de cumplicidade com as práticas delituosas. Camilo Castelo Branco germina um salteador ilustre, de renome e célebre, dando asas à imaginação popular no ordenamento histórico de um lendário bandido romântico:

Este nosso Portugal é um país em que nem pode ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam à craveira dos ladrões dos outros países! Todas as vocações morrem de garrote, quando se manifestam e apontam extraordinários destinos. A Calábria é um desprezado retalho do mundo; mas tem dado salteadores de renome. Toda aquela Itália, tão rica, tão fértil de pintores, escultores, maestros, cantores, bailarinas, até em produzir quadrilhas de ladrões a bafejou o seu bom gênio! Aí corre um livro intitulado: Salteadores célebres de Itália. É ver como debaixo daquele céu está abalizada em alto ponto a graduação das vocações. Tudo grande, tudo magnífico, tudo fadado a viver com os vindouros, e a prelibar os deleites de sua imortalidade. Schiller, Víctor Hugo, Charles Nodier, se fada má lhes malfadasse o berço em Portugal, teriam de inventar bandoleiros ilustres, a não quererem ir descrevê-los ao natural nos pináculos da República. Apenas um salteador noviço vinga destramente os primeiros ensaios numa escalada, sai a campo o administrador com os cabos, o alferes com o destacamento, o jornalismo com as suas lamúrias em defesa da propriedade, e a vocação do salteador gora-se nas mãos da justiça. A civilização é a rasa da igualdade: desadora as distinções; é forçoso que os bandoleiros tenham todos os mesmos tamanhos, e roubem civilizadamente, urbanamente. Ladrão de encruzilhada, que traz no peito à bala e o bacamarte apontado ao inimigo, esse há-de ser o bode expiatório dos seus confrades, mais alumiados e aquecidos do sol benéfico da civilização. Roubar industriosamente é engenho; saquear a ferro e fogo é roubo. Os daquela escola tropeçam nas honras, nos títulos, nos joelhos dos servís, que lhes rojam em venal humilhação; os outros, quando escorregam, acham-se encravados nos artigos 343, 349, 87, 433, 351, e mais cento e setenta artigos do Código Penal. Diz, algum tanto, como exemplo, desta lastimável anomalia a história de José Teixeira da Silva do Telhado, o mais afamado salteador deste século (CAMILO CASTELO BRANCO, 2004, [1862], p. 310-312).

A obra do Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere* (especificamente o capítulo 26), é repassada de simbolismos para se trabalhar a constituição da memória sobre

José do Telhado. Válido e verdadeiro é expressar que esse é o ponto impulsionador desse quadro. Conforma um capítulo importante para cultivar a memória do Zé do Telhado entre os letrados e não letrados, considerando-se o fato de que ele foi publicado, posteriormente, por diversificadas ocasiões em livros populares e vendido, como literatura de cordel, nas principais feiras da região.

No prefalado capítulo da obra, de igual denominação de um clássico escrito pelo alagoano Graciliano Ramos, publicado post mortem (1954), Camilo Castelo Branco, entrecortando informações do próprio José do Telhado, com o romantismo do autor, narra toda a trajetória deste personagem, desde a infância ao degredo em Angola. A paixão pela sua prima Aninhas ocupa lugar central.

Esteve José Teixeira cinco anos na companhia de sua prima, e desses anos falava ele com lágrimas, quando me contava pueris incidentes, entalhados em sua memória com o buril da paixão. Era a caça o seu emprego nas horas desocupadas; mas, as mais das vezes, o caçador assomava num outeiro, donde avistava a varanda, em que sua prima costurava, e aí estava contemplativo nela até que as sombras da noite, baixando da serra, lhe escondiam o lenço branco da prima, que o chamava a repetidos acenos. Que era isso senão doce poesia, como ela abrolha nas mais bem formadas almas? (CAMILO CASTELO BRANCO, 2004, [1862], p. 313).

O Romancista sob glosa, Primeiro Visconde de Correia Botelho, destaca a ida de José do Telhado, para Lisboa, com o objetivo de servir no Segundo Regimento de Lanceiros, depois da negação do Tio ao seu pedido da mão de Aninhas. Os atos heroicos, bem como a esbelta figura do Lanceiro da Rainha, começaram a chamar a atenção.

A esbelta figura de José Teixeira era o encanto dos oficiais. Nenhum camarada caía tão airoso na sela, nem meneava mais garboso a lança. O cavalo entendia-lhe o mais ligeiro tremor de pernas, e enfeitava-se orgulhoso do possante e galhardo moço, que lhe embridava os ímpetos, para realçar-lhe as soberbas graças (CAMILO CASTELO BRANCO, 2004, [1862], p. 314).

José do Telhado teve a oportunidade de participar, em Portugal, em um período de conturbações sociais e instabilidade política, da Revolta dos Marechais, em 1837, bem como da Revolução Popular de 1846, acontecimento conhecido como Revolta da Maria da Fonte e da Guerra da Patuleia (CAMILO CASTELO BRANCO, 2004, [1862], p. 201).

Castelo Branco relata que José do Telhado, depois de participar destes movimentos políticos, regressou a sua terra e solicitou a algumas pessoas importantes uma ocupação, no entanto não conseguiu. Resolveu, então, decerto após haver sido impulsionado, entrar para um grupo de salteadores, muito comum na época em Portugal. Segundo o Romancista lisiponense, José Teixeira realizou o primeiro assalto “[...] na de 12 de dezembro de 1849, salteando de surpresa uma casa na freguesia de Macieira, que tinha nomeada de rica em dinheiro velho” (CAMILO CASTELO BRANCO, 2004, [1862], p. 318).

No mencionado segmento de Memórias do Cárcere, como expressei em passagem anterior, dedicado à trajetória de José do Telhado, Castelo Branco cuida, de uma maneira não aprofundada, dos grandes acontecimentos da vida do Bandoleiro aqui pintado. Esta ressalva, impõe-se relatar, não retira o mérito e a importância desse texto na formulação e popularização da vida do Salteador lusitano sob escólio neste artigo. É importante evidenciar a noção de que, para a montagem do seu capítulo, o Escritor de A Filha do Arcediago ressalta ter feito uso das conversas entabuladas com o Salteador: “[...] falava ele com lágrimas, quando me contava pueris incidentes...” (CAMILO CASTELO BRANCO, 2004, [1862], p. 313). Consta que o Escritor e o Bandoleiro estabeleceram laços robustos de amizade/cumplicidade, com arrimo na necessidade de que o primeiro tinha de proteção pelo fato de correr risco de vida, sendo acusado de ter cometido adultério.

Na tentativa de ampliar o material de pesquisa, passei a frequentar bastante os alfarrabistas, de Lisboa e do Porto, à cata de livros e outros suportes sobre o Personagem, encontrando várias versões da dita produção camiliana em edições populares ou mesmo literatura de cordel. Outro aspecto importante é que esse compêndio serve como fonte primária, para quase todas as publicações futuras, se não todas, reproduzindo as virtudes e os defeitos das informações, como datas e fatos não comprovados<sup>1</sup>.

Nessas visitas, sempre tinha que adentrar as curiosidades dos colecionadores de alfarrábios, esclarecendo os motivos que levavam um brasileiro a se interessar por um bandido português, bem como a tranquilizar as bibliotecárias, se não existia um assunto mais importante aqui em Portugal. O importante é que esses diálogos os tornavam cúmplices dos meus estudos. Nas futuras visitas, esses profissionais tinham sempre um acolhimento generoso: “[...] encontrei mais um livro pro César” ou “[...] este livro está velhinho, mas é desses que o patrício mais gosta”. Às vezes, deparava situações interessantes, quando perguntava se tinha algum livro sobre José do Telhado. Nalgumas ocasiões, no primeiro momento, os alfarrabistas não conheciam o assunto ou então diziam que tinham, mas já estava reservado para um professor brasileiro. Mais gratificante ou tranquilizador é que sempre vinha logo a confirmação de que era para mim mesmo.

Outro expediente no qual me louvei foi entrevistar autores de obras sobre o José do Telhado, estabelecendo uma relação de cumplicidade e um vínculo amistoso, aufferindo, sempre, carinhosos oferecimentos. Passei a frequentar a casa de Artur Varatojo, autor de Os Grandes Criminosos Portugueses, Crime com Elas e O José do Telhado. Varatojo foi advogado, estudioso da criminologia e estudioso da criminologia. Aprazaram-me as dedicatórias:

---

<sup>1</sup> Situo como exceções de repetição das informações do texto de Camilo Castelo Branco um exemplar de literatura de cordel, publicado em 1898, de autor desconhecido, e o livro de Campos Monteiro, que se baseou nos processos judiciais de José do Telhado e em sobreviventes de sua época, o qual será referendado à extensão neste ensaio.

“Ao Prof. César Barreira com a admiração que ambos temos sobre o Zé do Telhado e a simpatia do autor”. Artur Varatojo, novembro de 2000.

“Ao Prof. César Barreira, um apaixonado, como eu, pelo José do Telhado, com um abraço de muita amizade do autor”. Artur Varatojo, novembro de 2005.

Outro autor que tive oportunidade de entrevistar foi José Manuel de Castro Pinto, autor de José do Telhado – o Robin dos Bosques português? Vida e aventura e José do Telhado – culpado e inocente:

“Ao Sr. Dr. César Barreira com desejos de uma boa leitura, Abraços, José Castro Pinto, Lisboa, janeiro, 2008”.

“Ao Sr. Dr. César Barreira com amizade Abraço José Castro Pinto, Lisboa, janeiro, 2008”.

As representações sob registro nos romances sobre Zé do Telhado são, geralmente, bastante elogiosas, seguindo os passos de Camilo Castelo Branco, auferindo destaque, neste passo, outro romancista português, Augusto Pinto, que adentrou esta matéria, escrevendo, bem mais recentemente, Quem foi José do Telhado (2005). Essa obra foi escrita após procedida a uma boa revisão bibliográfica, bem como a consultas a várias “pessoas de idade” da Região de Basto. A região das Terras de Basto está localizada numa zona de transição entre o litoral norte e o interior de Trás-os-Montes, juntando a região do Minho e de Trás-os-Montes. Pinto inicia a sua obra, assinalando:

Costuma dizer-se que a razão tem muita força, e a razão mesmo vencida não deixa de ser razão. Pelos vistos, razão foi coisa que não faltou a José do Telhado para levar a cabo todas as suas acções, incluindo a de praticar roubos avultados, evocando aqui a razão de ter andado numa guerra a defender os seus mais altos generais, e no fim desta todos ficaram amigos lavrando os mais célebres acordos, esquecendo-se dele e de muitos outros, depois de estarem bem firmes na cadeira do poder. Ele atribui toda a culpa de ter sido um marginal aos seus superiores da guerra, pois tudo lhe prometeram para usufruírem da sua extrema valentia, mas de tudo se esqueceram logo que se conseguiram instalar nos palácios do governo (AUGUSTO PINTO, 2005, pp. 5-6).

Augusto Pinto, dentro das máximas de Camilo, escreve:

José do Telhado, uma relevante figura do século dezenove, foi um homem de personalidade forte, que reagiu com toda a sua força às injustiças que lhe bateram à porta, dirigidas por traidores poderosos para quem trabalhou, e muitas vezes arriscou a própria vida para os defender. A sua reação foi por vezes demasiado violenta, chegando mesmo as suas intervenções a contribuir para a perda de vidas humanas. (AUGUSTO PINTO, 2005, p. 5).

Na trajetória deste personagem mesclam-se, sempre, as figuras de um homem honrado e de um quadrilheiro, tendo como considerável ingrediente, como é comum na vida de “bandidos-heróis”, uma grande paixão. No seu caso, como já destacado, ocorreu a paixão por uma prima, conhecida por Aninhas. Tal sentimento ardoroso configura

um homem com sólidos princípios morais, leal e galante, sendo cobiçado por várias mulheres, mas mantendo sempre a fidelidade à escolhida.

Indicador bastante recursivo, em sua memória, é o lado romântico e galanteador para com as mulheres, negando ou desconstituindo aspectos de rudeza e violência. Tais aparências eram constituintes, respectivamente, dos homens das aldeias e dos bandidos. O romance com Aninhas é cantado e decantado, estando carregado de juras de amor e fidelidade. Desde a negação de obter “a mão de Aninhas”, passando pela vida de salteador, até a partida para o degredo, o casal era sempre exibido num âmbito de paixão e romantismo. No período em que morou no Brasil, segundo os romancistas, não suportou a saudade de Aninhas e teve que retornar para Portugal, mesmo correndo um risco iminente de ser preso. Nos textos aparece, constantemente, o enfrentamento do perigo para visitar sua esposa, criando-se uma relação de superação do medo pela saudade. O lado galanteador para com as mulheres lhe rendeu amores platônicos, mas, principalmente, cumplicidade que facilitava suas espetaculares fugas após os assaltos. Constituía-se uma figura que mesclava os atributos de protetor das mulheres e de um “Don Juan”. No final dos assaltos, ele sempre saía beijando as mãos das damas e fazendo elogios à beleza feminina. Mantinha uma atitude de cavalheiro, mesmo em situações delicadas, com algumas mulheres que lhe exigiam cenas de amor (CASTRO PINTO, 1997).

Os valores - ressaltados anteriormente - de bondade, generosidade e desprendimento são atributos constantes nas representações sobre este personagem. As máximas são repetitivas em diversos livros que tratam deste autor: “[...] a inata bondade de José do Telhado aconselhava-o a poupar a quem o rodeava, aos próximos”; “Ele era generoso, de uma generosidade particular, os humildes e necessitados viam nele um desvelado protetor que a providência divina lhes enviou”. (PINTO, 2005, p. 62). O lado de generosidade e desprendimento situava-o como salteador altruísta, sem apego aos bens materiais ou aos lucros dos assaltos.

Esse personagem da história portuguesa é enaltecido pelos valores de bondade, altruísmo e um comportamento íntegro, pois,

José do Telhado não perdoou, e como na guerra já tinha optado por defender os mais fracos, assim prosseguiu, e sem se ter na conta de ladrão profissional, antes se intitulava um “repartidor público”, roubando aos ricos para seu sustento e dos seus, e entregava uma parte desses mesmos roubos aos mais necessitados (PINTO, 2005, p. 5-6).

Augusto Pinto relata que “[...] os negros mais pobres (de Angola) durante muitos anos iam chorar, ajoelhados aos pés da sua campa, evocando ali muitas vezes o nome do pai dos pobres” (PINTO, 2005, p. 342). Consta que, na África, desapareceu o salteador e reapareceu o herói, com intensos valores morais, de generosidade, lealdade, coragem e desprendimento.

Em uma elaboração simbólica, este homem aparece como fruto do período histórico lusitano, mas, fundamentalmente, obra do “destino”, retirando qualquer possibilidade de culpá-lo pelos seus atos. A justificativa do “destino” entrecruzada com uma herança, que vinha do pai e de um tio-avô, os quais já fomentavam o terror na região, surge constantemente:

Eu pertencer a uma quadrilha de ladrões? Será que tenho razões suficientes para dizer que não sou eu o culpado? Ou isto faz parte do destino de cada um? Então José do Telhado levou os seus pensamentos até a sua mais tenra idade, lembrando-se da saída de casa do pai aos catorze anos, da ‘profissão’ de que ouvia falar tanto em relação a este como até ao seu avô, e mais recentemente o seu irmão Joaquim, os quais eram todos conhecidos como salteadores” (PINTO, 2005, p. 71).

Corroborando essa ideia de “destino”, tal como diz um ditado popular, Com o destino nem Deus pode, surge, constantemente, na biografia de Zé do Telhado, referência a “tentações” que ele teve que enfrentar. Foram apetites violentos provenientes da liturgia cristã, que incitavam as provações à tentação. Eram tentações das mulheres, para trair Aninhas e as convocações (tentações) por parte de salteadores (“maus elementos”) para entrar na quadrilha, no grupo de malfeitores. Eram situações carregadas das dimensões simbólicas nas quais ele deveria ocupar a função de líder ou de uma pessoa com sentimentos nobres. Nesta perspectiva, as tentações, surgem com novos apelos: “Não serás um ladrão e sim um repartidor público” (PINTO, 2005, p. 72).

Depois de “cair em tentação” ou “seguindo o seu destino”, Zé do Telhado entrou no grupo, conhecido como a Quadrilha do Marco, como referência ao Concelho do Marco de Canaveses, região do Distrito do Porto, já ocupando a posição de líder, estabelecendo diversas regras de comportamento:

De hoje em diante, a malta aqui reunida não será um bando de ladrões. Governamo-nos, mas eu só vou tirar aos que têm mais, para dar aos que têm menos. Proíbo, ouvi bem: proíbo!, que alguma vez se tire aos pobres e a todos aqueles que vivem honradamente do seu trabalho. Nesta nossa comunidade, também não consinto que se matem pessoas; e só usaremos a força quando resistirem e nos obrigarem a isso. Também não admito que ninguém se aproveite da ocasião para abusar das mulheres. (...) De hoje em diante, eu só estou como Repartidor Público. Tudo o que tirarmos aos outros não será só para nós. Uma parte é para os pobres (CASTRO PINTO, 2007, p. 68-69).

Essa época é classificada, pelos estudiosos, como um período agitado e turbulento das lutas civis, quando predominavam desmandos e arbitrariedades das autoridades, o que possibilitava ou impulsionava as organizações populares. Tais organizações configuraram o celeiro onde eram arregimentados os futuros combatentes nas guerras de facções políticas. Como expressa Augusto Pinto,

[...] uma estúpida guerra civil, em que praticamente os envolvidos nem sabem por que lutam. Uma guerra civil é a pior escola que qualquer pessoa pode frequentar, pois tudo se pode fazer sem temer qualquer lei; fica sempre a ganhar aquele que mais matar e mais roubar, pois são estas façanhas que dão baixas ao inimigo e certo prestígio a quem as pratica (AUGUSTO PINTO, 2005, p. 15).

A perseguição a Zé do Telhado decorre do fato de ele ter sido sargento patuleia e combatido contra os Cabrais, nas Guerras Civis, na 1ª metade do século XIX. Consta, nos textos, que uma propriedade dele foi extorquida e os empréstimos, que ele foi obrigado a fazer, para sobreviver, foram sempre com juros muito elevados. Em determinado momento de sua vida, José do Telhado diz: “Eu nunca me meti em política, os senhores oficiais é que me meteram nela” (CASTRO, 1980, 11).

Nos livros, também é citado como um dos motivos para sua entrada no mundo do crime o fato de Zé do Telhado ter solicitado um lugar de Guarda do Controle no Porto e este lhe haver sido negado, com claras demonstrações políticas. Nesta dimensão, colocava-se como repartidor público, fazendo justiça, em um posto outorgado pelo povo:

[...] Os políticos têm sido a desgraça dos pobres. Prometem tudo, mas só prometem o que eles muito bem querem. Aos pobres passam a vida a mentir-lhes. De hoje em diante serei repartidor público. Podes dizê-lo a toda a gente. O povo há-de sabê-lo. E também quero que as autoridades o saibam. Porque este encargo foi-me dado pelo povo (CASTRO PINTO, 2007, p. 70).

## Atos heroicos, uma justiça popular e princípios morais

Os rompantes de uma elaboração de justiça aparecem nos diálogos a ele atribuídos. Um deles, sugestivo dessas ações, é sempre reproduzido nos romances acerca dessa lendária figura lusitana:

Em certa noite assaltou um lavrador abastado que namorava uma moça e ia visitá-la quase todas as noites. O rapaz teve que entregar o relógio, uma pulseira e algumas moedas para o Zé do Telhado.

- E disse: uma hora dessas você deveria estar em casa dormindo e não assaltando.

- E o Zé do Telhado teria dito e você também. Eu aproveito as trevas da noite para assaltar quem passa e você para ir ter com a rapariga. Tudo é roubar. Eu roubo dinheiro e você a honra de uma mulher. Qual de nós é mais ladrão?

Meses depois a moça aparece grávida e tinha sido abandonada pelo rapaz.

- O Zé do Telhado se encontra com o rapaz e diz: Há poucos meses encontramos os dois de noite, ambos a roubar. Eu arrependi-me, e venho devolver o relógio, a corrente e o dinheiro que lhe roubei. Na certeza de que, se dentro de um mês você não tiver restituído à rapariga o que lhe roubou, casando com ela, é um homem morto.

Dias depois o lavrador casou (CASTRO PINTO, 2007, p. 98).

As proezas-atos heroicos são repetitivas nas representações sobre o indivíduo

sob comentário. Provavelmente, o primeiro ato de heroísmo praticado em sua região ocorreu na defesa de um amigo que estava quase sendo morto, em uma briga, na Feira de Penafiel. Os aspectos importantes dessa pendenga decorreram do fato de que seu amigo estava sendo acusado, injustamente, de um ato não cometido, bem como de haver um total desequilíbrio de litigantes, bastante desfavorável para Zé do Telhado, que saiu muito ferido, quase à beira da morte. Conta-se, também, que, quando era Lanceiro da Rainha, salvou um jovem, em uma procissão em Lisboa, que estava sendo arrastado por um cavalo, em alta velocidade, sendo socorrido, heroicamente, por José do Telhado. Nesta mesma procissão, ele dominou um touro furioso, que tinha fugido do seu estábulo e que atacava a multidão.

Contam, também, proezas de Zé do Telhado em sua viagem de degredo, salvando uma mulher que se encontrava no interior de um navio em chamas e ninguém se dispunha a resgatá-la. Neste tom épico, Eduardo Noronha (s/d), romancista e autor de várias obras sobre este personagem, diz que “[...] José do Telhado foi ungido a sacerdote para dar a extrema-unção a uma moça que estava agonizando”.

Campos Monteiro (2001), que escreveu um livro sobre Zé do Telhado em 1930, baseado em depoimentos de pessoas idosas, que conheceram o Salteador, bem como no relato do seu processo judicial, constando como um dos poucos livros que se desprende do texto de Camilo Castelo Branco, afirma, inicialmente:

Afinal, José do Telhado não foi tão bom como pintam, nem tão mau como se afigurava aos coevos que o não conheciam. Possuía, sem dúvida, algumas virtudes, mas, também, muitos vícios. Era jogador ferrenho, bom bebedor e amante do belo sexo. Frequentava largamente as tavolagens que por esse tempo enxameavam nas terras de Lousada, de Felgueiras e de Amarante. Matava a sede em todas as tabernas por onde passava, possuindo o singular condão de se embriagar (CAMPOS MONTEIRO, 2001, p.12).

O capital militar de Zé do Telhado, obtido quando este serviu nos Lanceiros da Rainha e, principalmente, sua participação na guerra civil, foram bastante úteis nas suas práticas como salteador. Monteiro destaca que a quadrilha foi organizada do modo o mais militar possível. Ele era o chefe e tinha um ajudante. Os salteadores eram divididos em três categorias: chefes de divisão, divisionários e auxiliares. Havia quatro divisões, cada qual com cinco homens. Os auxiliares eram os informantes, os quais não participavam dos assaltos, mas recebiam as suas cotas do “lucro”. Campos Monteiro (2001) assinala que a composição da quadrilha era bastante eclética, tendo dois indivíduos com autênticos títulos de nobreza, um padre, lavradores pobres e prostitutas, que serviam, fundamentalmente, como informantes.

É importante destacar o fato de que, dentro de um clima de aceitação, negação e medo, quase toda a população sabia quem eram os quadrilheiros, como viviam e onde

moravam. O ato de não denunciar decorre de insegurança e medo, mas, fundamentalmente, de uma aceitação social, resultante da classificação ambígua das práticas dos bandidos sociais como sendo não totalmente delituosas, bem como do fato de a população pobre necessitar de protetores e defensores.

Os relatos sobre a sua vida destacam atributos qualificativos, como, *exempli gratia*: sentido de liderança, fortes princípios morais, coragem e valentia. Zé do Telhado teve uma vida militar, vinculando-se intensamente ao exército do General Sá da Bandeira, sendo inclusive condecorado com a medalha “Torre e Espada”, por sua bravura, mas, principalmente, pela lealdade ao seu comandante.

Os valores, ressaltados anteriormente, de bondade, generosidade e desprendimento são atributos constantes nas representações sobre esta pessoa. As máximas são repetitivas em diversos livros que tratam deste autor: “[...] a inata bondade de José do Telhado aconselhava-o a poupar a quem o rodeava, aos próximos”; “Ele era generoso, de uma generosidade particular, os humildes e necessitados viam nele um desvelado protetor que a providência divina lhes enviou”. O lado de generosidade e desprendimento o situava como salteador altruísta, sem apego aos bens materiais ou aos lucros dos assaltos. Existe um registro, expresso como da autoria de Zé do Telhado, reproduzido em diversos livros, que diz: “É sina! A fatalidade obriga-me a receber a herança do meu pai, que eu queria repudiar, meu irmão não resistiu à voz do sangue, a desgraça atira-me para o mesmo charco. Cumpra-se o destino”.

Importa reter a noção de que, nos textos escritos e nas narrações dos entrevistados, aparece claramente este contexto político como responsável pelo surgimento do salteador Zé do Telhado. Na trajetória deste “Bandido-herói” é importante recolher, também, para uma análise mais aprofundada, o sentimento de justiça e de honra, configurando uma possível “justiça paralela” ou a conformação de uma “Justiça Popular”. Esta prática vai sendo constituída em diversas situações. Zé do Telhado dizia sempre ao seu bando, “os ricos e os políticos é que hão de pagar para os pobres”, fazendo uma crítica ao sistema social e político injusto, e, ao mesmo tempo, justificava os seus atos delituosos. Para alguns escritores, estas palavras decorriam do fato de ser um salteador inteligente, culto, de boas maneiras e com conhecimentos de estratégias militares.

Nesta dimensão colocava-se como repartidor público, fazendo justiça, em um posto outorgado pelo povo:

(...) Os políticos têm sido a desgraça dos pobres. Prometem tudo, mas só prometem o que eles muito bem querem. Aos pobres passam a vida a mentir-lhes. De hoje em diante serei repartidor público. Podes dizê-lo a toda a gente. O povo há-de sabê-lo. E também quero que as autoridades o saibam. Porque este encargo foi-me dado pelo povo (CASTRO PINTO, 2007, p. 70).

## José do Telhado em África

Este título é a mesma denominação de um livro de Eduardo de Noronha sobre José do Telhado, relatando, entre fatos históricos e lendários, o degredo em Angola, África. Eduardo de Noronha, militar, escritor e jornalista português, escreveu dois romances sobre o Salteador. Essas obras são classificadas, pela crônica portuguesa, como grandes expoentes literários da vida de José do Telhado. Noronha romanceia o degredo de José do Telhado, mesmo no período que antecede a viagem para Angola, como um momento de purificação e de redenção do condenado, iniciando o livro assim:

Amparai-me, senhor! Concedei-me os anos de vida necessários para eu me apresentar ante vós como devo. Auxiliai-me, e acima de tudo auxiliai aqueles que ficaram a expurgar os meus crimes e a chorar a minha ausência! – murmurjava esta sentida prece José do Telhado quando subia a larga escadaria do Limoeiro, com os seus companheiros de infortúnio, no meio da escolta atenta e vigilante (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 9).

Noronha relata um diálogo do José do Telhado com outro condenado, quando o Salteador diz: “Por mim devo afirmar, estou aqui porque devo estar. Pratiquei crimes e a justiça, por intermédio dos seus delegados, cumpriu o seu dever condenando-me à pena que vou sofrer” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 15). Em outro trecho afirma: “O seu pasmo vale a decisão de um júri; julga no seu foro íntimo que para os delitos cometidos por mim a sentença peca por benévola; a justa, a correspondente a eles seria a pena última...” (Eduardo de Noronha, 1984). Em outra passagem desta obra, o autor reproduz um possível diálogo de José do Telhado com o diretor da prisão em Lisboa, quando este perguntou:

- Não lhe repugna ir para o degredo?
- Pelas saudades que levo dos meus; mas o meu destino é esse e hei-de cumpri-lo.
- Sem esperanças de voltar?
- Por mais desesperada que seja a nossa sorte, nunca se perdem as esperanças.
- Confia no futuro?
- Confio que Deus me perdoará.
- E os homens?
- Pouca fé tenho nos homens, quase tão pecadores como eu”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 19).

Em diversas passagens, no livro, em uma mistura de resignação, coragem e altruísmo, o personagem passa a ser configurado como herói e justiceiro, portador de sólidos valores sociais. No período em que José do Telhado permaneceu na prisão em Lisboa, esperando o navio que o levaria para Angola, o autor começa a destacar em diversas ocasiões as qualidades do Salteador. O diretor da prisão diz: “[...] vejo que não obstante os

seus passados crimes e a severidade da sentença que o condenou a degredo perpétuo, o seu fundo continua a ser bom e generoso...” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p.35).

Depois de alguns dias, a viagem para Angola foi anunciada, sendo realizada no navio Pedro Nunes. Representou um percurso com boa possibilidade de aprendizagem para o Degredado, principalmente, em práticas de navegação, sendo a monotonia da viagem quebrada pelos encontros com outros navios, predominando barcos pesqueiros. Naqueles momentos surgiam outros rituais ou exercícios náuticos para José do Telhado, com alguns esclarecimentos realizados pelos marinheiros, como, neste exemplo:

Conforme a etiqueta marítima, quando dois navios se encontram no mar alto devem ambos içar a bandeira da sua nacionalidade e, se passam um pelo outro, arriá-la por três ou uma vez, em sinal de saudação. Um capitão de um barco mercante nosso avistou outro. Navegando em sentido contrário, aproximam-se. O português cumpriu o seu dever e mandou desfraldar a bandeira...” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 85).

José do Telhado, nesse percurso, mantinha boa relação com toda a tripulação, bem como incorporava conhecimentos, chegando a questionar se não poderia ser também marinheiro. Logo em seguida, no entanto, ele mesmo desfazia essa reflexão, dizendo: eles não me aceitariam, pela minha condição! Fateixa, um grande amigo, que o Degredado conseguiu na viagem, logo o contestou, afirmando:

A prova que o aceitavam é que desempenha todo o serviço de uma praça e goza aqui a bordo das mesmas regalias e liberdades que qualquer outro. Foi uma felicidade para si vir para aqui. Olhe, pano já vossemecê sabe coser; com o tempo há-de aprender a governar, a manobrar um escaler, a apontar uma peça e até a cartear”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 92).

Ao largo das costas do Marrocos, foi avistado um navio em chamas, que, provavelmente, transportava pólvora para a África. Noronha, neste episódio, relata mais um ato de coragem de José do Telhado, quando este se oferece a fim de participar diretamente do socorro à tripulação do navio sob fogo, justificando e pedindo o direito de agir neste momento: “Eu sou um degredado, um criminoso, vou eu só lá ...Se eu morrer a sociedade não perde nada com isso; se escapar será um acto que ajude a remir as minhas faltas”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 121). Alguém interveio, dizendo “O José do Telhado tem razão. V.S.<sup>a</sup> deve consentir que ele vá acima sozinho; é um ato de coragem que lhe pode valer o perdão” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 121).

O Degredado, com muita coragem e rapidez, conseguiu salvar uma das mulheres que estava no meio das chamas. Ambos ficaram sem sentidos e respirando com muita dificuldade, mas se salvaram. Um dado interessante é que a mulher que foi salva era a filha de um dos condenados, que José do Telhado já havia operado em sua defesa, na prisão em Lisboa, diante das grosserias dos guardas penitenciários, criando uma

grande afeição entre ambos. Essa afeição ou paixão dela para com o Degredado permaneceu por todo o período em que José do Telhado esteve em Angola.

Este ato enaltece, novamente, a coragem e os valores morais do “Bandido-herói”. Noronha destaca, mais uma vez, essa situação em um diálogo:

- O comandante, em chegando a Luanda, informará as autoridades do seu comportamento no mar- disse-lhe o “Fateixa”. Ah, vossemecê merece-o; eu cá, se fosse o rei, nem o deixava desembarcar em Angola; mandava-o logo regressar ao continente.
- Não ousou pensar em semelhante coisa (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 131).

Em outro momento o “[...] comandante chamara o José do Telhado e dissera-lhe: Você é um homem; tenho pena de não poder fazer de si um marinheiro; mas logo que chegue a Luanda participarei ao governador geral todo o ocorrido nesta viagem e empenhar-me-ei para que seja suavizada a sua sorte...” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 164). Logo em seguida reforça: “O que este homem não daria se fosse aproveitado convenientemente!” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p.165).

Com toda essa auréola e qualidades de um homem bom, corajoso e de excelente relacionamento, José do Telhado chegou a Angola para cumprir sua condenação. de degredado. No momento do desembarque, Fateixa, seu grande amigo, diz:

- Não, esteja preocupado, sr. José Teixeira, Deus é grande!
- A minha preocupação é doutra espécie; não imagine que me enfraqueceu o espírito o ser a primeira coisa que descobri em terra, quando ainda estacionávamos ao largo, o cemitério que embranquece e reverdeja lá no alto.
- O alto das Cruzes...
- Bem sei que não tornarei a sair desta terra, mas essa ideia não me amofinaria se não fossem as saudades da mulher e dos filhos” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 181).

O sentimento de saudade da família foi sempre muito intenso, em todo o percurso. Noronha evidencia que

[...] José do Telhado trabalhava mais do que os outros. O trabalho constituía para ele o esquecimento, umas tréguas no seu sofrimento moral, um oásis naquele deserto da sua existência, abrasado pela saudade, ressequido pelo desalento, sem horizonte onde se espelhasse qualquer miragem de consolo. Aninhas e os filhos reverdeciam como palmeiras, durante segundos, para se estiolarem... (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 151).

Na chegada a Luanda, foi realizado todo o ritual, sendo a primeira providência a entrega de José do Telhado no depósito de degredados na fortaleza de São Miguel, iniciando um diálogo:

- Sabe Deus por quanto tempo eu apodrecerei ali! Lastimou-se a meia voz José do Telhado.

- Vossemecê tem amigos; o que fez durante a viagem há-de valer-lhe e muito, não descoroço. Consolou o mesmo cabo.

- Ah, eu não descoroço; é indigno de um homem descoroçoar. Retrucou o antigo sargento patuleia (EDUARDO DE NORONHA, 1984, pp.182-183).

O comandante do depósito de degredados, já tendo conhecimento das virtudes de José do Telhado, lamenta em um tom quase de deferência: “Tenho pena do regulamento me obrigar a mandar-lhe pôr a grilheta no pé, mas não posso abrir exceção”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 183). O Salteador, em mais uma demonstração da sua resiliência, expressa com um semblante de sincera resignação: “Vim para aqui a fim de padecer o castigo dos meus crimes e não serei eu quem me queixe do rigor com que devo ser tratado” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 184).

A situação ambígua de condenado ao degredo, resultado das práticas criminosas em Portugal, confrontadas com um comportamento retilíneo e os atos de coragem e de heroísmo na viagem, marca todo o período de José do Telhado em África.

Logo no segundo dia, o governador geral interino de Luanda foi ao depósito dos degredados procurar por José do Telhado para lhe fazer uma proposta:

O comandante do brigue ‘Pedro Nunes’ e o governador de Benguela informaram-me da sua conduta a bordo; vejo por isso que está regenerado ou a caminho disso; vou submetê-lo a uma prova. Se sair bem dela, quando vier o novo governador geral, interessar-me-ei por que Sua Ex.<sup>a</sup> solicite do governo de sua Majestade a comutação da sua pena”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 196).

José do Telhado recebeu como missão adestrar, exercitar e fazer dos degredados que estavam no depósito os melhores soldados para combater as rebeliões dos negros ou, como é explicitado, “meter na ordem o preto revoltado”, no interior de Angola. E em seguida diz: “De hoje em diante gozará da liberdade condicional, podendo ir à cidade com licença do sr. Comandante da praça” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p.197).

Depois de alguns dias desse comunicado, uma coluna, como era classificada, parte para Ambriz, interior de Angola, para castigar os negros rebelados, sendo comandada pelo sr. Major Teotónio Maria Coelho Borges, fazendo parte deste grupo José do Telhado.

Eduardo Noronha deixa clara a importância que os degredados tiveram na ocupação de Angola, mantendo-a como colônia portuguesa. A ocupação era feita em permanente guerra com os nativos, estes comandados pelos sobas, que eram chefes tradicionais de tribos”

A província de Angola é muito grande; só neste distrito cabe Portugal à vontade. Custa a acreditar que, com tão pouca gente, como aquela que para aqui veio, se pudesse dominar uma tão grande extensão e tantas centenas de tribos diferentes. A maior dificuldade dos

governadores não consistia apenas em dominar os sobas, residia em descobrir e desfazer as intrigas dos invejosos e dos padres (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 215).

Nas narrativas de Noronha, José do Telhado desempenhou um papel fundamental com os sobas rebelados, bem como, no enfrentamento com bandos de pretos, comandados por brancos, que os tinham como escravos para serem vendidos. Com românticos de coragem e bondade, o antigo Salteador estabelecia laços com os negros. “Eu não saio daqui sem tentar salvar esses pobres diabos” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 222). Isto ele declarou uma vez, quando deparou um grupo de negros, que estavam presos para serem vendidos como escravos. Ele também colaborou com missionários corretos que estavam preocupados com esse tráfico de escravos.

José do Telhado, em variadas circunstâncias, demonstrava o seu poder por atos de coragem, mas também pela força e práticas violentas. Noronha deixa transparecer no romance uma atitude, classificável como arrogante e de superioridade, impondo o poder pelo medo. Mesmo com alguns sobas, possuidores de poder e autoridade, o ex-Salteador se apresentava com esse comportamento.

Depois de alguns dias, no final da expedição, José do Telhado enfermava de febre palustre, bastante perigosa.

A expedição terminara virtualmente com a ocupação do quilombo, o aprisionamento do soba, do tendala, dos principais macotas, apanhados nas mediações do povoado, com o pagamento de gado, doutras indemnizações de guerra e ainda com a construção de uma tranqueira, núcleo do projectado presídio, sede da autoridade portuguesa que ali ficaria a residir” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 311).

As expedições demarcavam a dominação portuguesa no território angolano. No regresso a Luanda, continuaram os dilemas, em decorrência dos nobres atos de José do Telhado, entre comutar a pena ou continuar como degredado. No mesmo dia em que ele chegou ao depósito dos degredados, o governador geral o convocou para dizer:

[...] desejava poder eu próprio comutar-lhe desde já a pena; essa suprema atribuição pertence a el-rei, sob proposta do governo. No primeiro navio a partir para Portugal irá um ofício meu neste sentido. Espero que seja atendido. Até lá desejo melhorar a sua sorte na medida do possível” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p.322).

Em seguida, José do Telhado foi morar em Benguela, na época a segunda cidade da Província de Angola. Nesse período, já gozando de inteira liberdade, como qualquer cidadão, bem como desfrutando de grande popularidade. “O José do Telhado! O José do Telhado! Murmuravam ou bradavam brancos, negros e mulatos, homens e mulheres”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 327).

O antigo Sargento patuleia, em sua estada em Angola, teve sempre muito pre-

sente Bandy, um negro que foi seu guia e intérprete, pois falava a língua dos nativos; Fateixa, antigo contramestre, que ficaram amigos na travessia Portugal/Angola; e Maria das Dores, que conheceu na prisão, em Lisboa, tendo-a protegido da rudeza dos guardas penitenciários, bem como a salvou de um incêndio, dentro de um navio, quando José do Telhado vinha para o degredo, despertando uma enorme paixão dela para o ex-Salteador.

Eduardo Noronha, no romance, retrata em distintas oportunidades essa paixão, sempre evitada por ele. A saudade da família, conforme ressaltado em passagens anteriores deste escrito, o perseguiu sempre, principalmente nos momentos de descansos noturnos. Assim relata o autor:

[...] José do Telhado atirou-se para cima de uma cama de viagem, pretendendo conciliar o sono. Não o conseguiu. Em frente das suas pálpebras cerradas dançavam num bailado de delirante fantasia os corpos e os semblantes de Aninhas, dos filhos, de Maria das Dores e de Ermelinda. Cada uma apresentava uma expressão diferente, mas em todas se descobria a tristeza, a mágoa, a saudade (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 388).

Depois de um bom período em Benguela, José do Telhado resolveu fazer uma grande missão, que é ir para o interior de Angola, em direção à região de Malange. A jornada, como destaca Noronha,

[...] efectuou-se sem se acidentar de episódios. Alguns sobas quiseram cobrar pesados tributos pela passagem através das suas terras, da mesma maneira que na Idade Média os senhores feudais exigiam os direitos de portagem. José do Telhado umas vezes com o tacto de um diplomata hábil em toda a casta de evasivas especiosas, outras impondo-se com temerária energia, e manobrando de forma que os seus cem empacasseiros<sup>2</sup> se multiplicavam numa aparência de milhares, não sofrera, embaraços sérios na sua marcha (EDUARDO DE NORONHA, 1984, pp. 392/393).

José do Telhado, segundo Eduardo Noronha, pretendia escolher uma terra para fixar residência. Nesta opção, estava também o rompimento das relações com o poder central de Luanda, mas, dentro do possível, manter uma relação amistosa, sem hostilidade. A popularidade, a admiração e o respeito, a cada dia, cresceram, principalmente, entre os nativos. Eduardo Noronha destaca algumas máximas ou exclamações: “Lá vem o Zambe (Deus)! Nunca veio aqui branco como ele! (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 416). As suas qualidades eram cantadas e decantadas:

José do Telhado surgiu como um herói da mitologia grega. Soube impor-se pelas suas compridas sedosas barbas, pela sua indômita coragem, pela perícia no manejo das armas de fogo e brancas, pela sua destreza em montar a cavalo, e, acima de tudo, pelo seu bom senso prático e inato espírito de justiça que, dentro em pouco, com o beneplácito daqueles povos,

2 Empacasseiros são soldados pretos, armados de espingardas. Vestem uma tanga feita de pele de algum animal selvagem, bem apertada à roda da cintura, e trazem na cabeça uma grinalda de penas.

lhe outorgaram foros e privilégios de segundo Salomão (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 416).

José do Telhado, depois de anos, passou a consolidar alguns princípios de justiça, sempre visando a proteger os negros nativos, principalmente em relação às cobranças irregulares de “tributos”, como já destacado, pagamentos que existiam nos antigos feudos. Estes tributos são cobrados de produtos da caça, da pesca e da agricultura: “Desde que por aqui anda o Zambe não há mais bulhas nem mais litígios; todos se submetem às suas sentenças; quem sofre com isso é o Estado; a venda do papel selado tem-se ressentido muito” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, pp. 416/417).

Essa atitude de José do Telhado começou a incomodar e criar problemas para as autoridades locais, principalmente, levando em consideração o crescimento do seu grupo, instalado na povoação de Xissa e em decorrência do não pagamento dos tributos às autoridades locais. Noronha descreve esse crescimento: “A vila de Malange, sede do distrito da Luanda, distanciava-se da povoação de Xissa, umas doze ou treze léguas. A libata (grupo de casas, pertencentes a uma família, em África) do José do Telhado engrandecera; cabia-lhe sem exagero o qualificativo de senzala” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 426).

O clima de inveja e disputa, bem como a separação da família, agravada pelo fato de saber que as mesadas enviadas a Aninhas não haviam sido entregues, reforçavam a sua indignação. O autor ressalta que o temperamento de José do Telhado se alterava bastante, dando espaço para reaparecer um comportamento mais violento e rude. Bandy, seu grande amigo e companheiro de viagens, mais uma vez, chamou a atenção acerca da necessidade de José do Telhado se casar, dizendo:

- Que tens? -inquiriu o sertanejo.
  - Queria dizer-te uma coisa, siô.
  - O que é? Fala.
  - Tu és um grande, um mueni, um soba maior que os maiores sobas desde as montanhas grandes até aos areais...
  - Bem; depois?
  - Para o seres completamente falta-te uma coisa...
  - O quê?
  - Casares com as filhas de três ou quatro sobas vizinhos, dos mais poderosos...
- (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 436/437).

Isto é um costume local e não era a primeira vez que Bandy batia nessa tecla, mas dessa vez o ex-Quadrilheiro ficou a meditar.

José do Telhado continuou ampliando a sua sanzala, defendendo os negros nativos, principalmente, contra as cobranças exorbitantes dos tributos, e combatendo, ener-

gicamente, o infame comércio de escravos. Esses aspectos foram sempre entrecortados por atos de coragem e heroísmo. Para Noronha, em África, “[...] desapareceu o salteador e reapareceu o herói que tinha ganho na metrópole, antes de ser criminoso, a Torre e Espada! E reapareceu o herói como todas as brilhantes qualidades que anos antes o tinham enobrecido na guerra” (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 443).

Em 1875, o calvário ou a expiação dos seus crimes, como o antigo Sargento paulista reafirmava, chegou ao fim, acabando o seu sofrimento. O Diário de Notícias, de Lisboa, publicou: “José do Telhado, o célebre bandido que agora faleceu em Molongo, tinha rasgos de virtude e de generosidade no meio do crime...” (16/09/1875). O autor da obra afirma que “A lenda do José do Telhado não acabou com a sua morte, principiou com ela”. (EDUARDO DE NORONHA, 1984, p. 445).

## Alguns Arremates

Camilo Castelo Branco, o grande romancista português do século XIX, notabilizou José do Telhado na sua obra Memórias do Cárcere, especificamente, no capítulo 26, com a constituição de uma memória louvada, sortida de simbolismos. Não se configura ocioso exprimir o fato de que esse capítulo é o ponto impulsionador desse quadro. O dito segmento do livro de Camilo é de relevo para cultuar a memória do Zé do Telhado entre os letrados e não letrados, considerando-se o fato de que ele foi publicado, posteriormente, em livros populares e vendido, como literatura de cordel nas principais feiras da região.

Castelo Branco, entrecortando informações do próprio José do Telhado, com o seu romantismo e sua elegância na escrita, narra toda a trajetória deste personagem, desde a infância ao degredo em Angola. Durante o período em que ambos estiveram presos na Cadeia da Relação do Porto, de 1860 a 1861, por motivos diferentes, mas que o Salteador classificaria por ações semelhantes - “[...] eu roubo dinheiro e você a honra de uma mulher” -, remansou estabelecida uma relação de cumplicidade e de dependência, ambos necessitando de proteção. Aspecto importante é que esse compêndio serve como fonte primária, para quase todas as publicações futuras - senão todas - reproduzindo as virtudes e os defeitos das informações, como datas e fatos não comprovados.

José do Telhado foi classificado por alguns romancistas, que se dedicaram a esse tema, como o maior salteador/bandido do século XIX, de Portugal, tendo sido degredado, para a África, no início dos anos de 1860. Foi cantado e decantado por poetas, escritores, cineastas, teatrólogos e cordelistas. Uma “memória louvada” foi estabelecida e exaltada, negando, em princípio, um possível lado violento, agressivo e cruel. Os textos escritos sobre este personagem ganharam na pesquisa duas dimensões: aparecem

como fonte de dados e como patrimônio cultural constituído e amparado na figura de José do Telhado.

A máxima difundida é a de que ele tinha consciência das injustiças sociais e pretendia então proteger os humildes, distribuindo com eles os produtos dos seus assaltos, bem como perseguia uma moral, uma honra, tendo como corolário ou contraposição o estabelecimento de uma “justiça popular”.

Interessei-me em analisar o modo como a biografia do Zé do Telhado é contada, nos romances, quais os aspectos que são destacados e outros negados, ou não ditos, não revelados. Um dado importante é a constituição de um “patrimônio cultural”, sedimentado nesse personagem, que possibilita o surgimento de uma “memória registrada em materiais”.

Na trajetória dele, nos romances, mesclam-se, sempre, as figuras de um homem honrado e de um quadrilheiro, tendo como forte ingrediente, como é comum na vida de “bandidos-heróis”, uma grande paixão. Esse personagem da história portuguesa é enaltecido pelos valores de bondade, altruísmo, resiliência e em razão de um comportamento íntegro.

## Referências

- CASTELO BRANCO, Camilo. **Memórias do Cárcere**. Porto: Porto Editora, 2004.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Maria da Fonte**. Lisboa: Frenesi, 2001 [1ed.1885].
- CASTRO, José Manuel de. **Zé Telhado**. Viseu: Tipografia Guerra. 1980.
- CASTRO PINTO, José Manuel de. **José do Telhado: culpado e inocente**. Lisboa: Plátano Editora, 2003.
- CASTRO PINTO, José Manuel de. **José do Telhado: o Robim dos Bosques português? Vida e aventura**. Lisboa: Plátano Editora, 2007.
- BESSA-LUIS, Agustina. A Sibila. **Lisboa**: Guimarães Editores, LDA, 1998.
- MONTEIRO, Campos. **José do Telhado e os seus Quadrilheiros**. Amarante: Edições do Tâmega, 2001.
- NORONHA, Eduardo de. **José do Telhado em África: romance baseado sobre fatos históricos**. 4 ed. Porto: Domingos Barreira, 1984.
- NORONHA, Eduardo de. **José do Telhado: romance baseado sobre fatos históricos**. 4 ed. Porto: Domingos Barreira (s/d).
- PINTO, Augusto. **Quem foi José do Telhado**. Lisboa: Moderna Editorial Laves, 2005.

## Sobre o autor

**César Barreira** - Professor Titular em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e coordenador sênior do Laboratório de Estudos da Violência da UFC. Pesquisador do CNPq (nível I-A), líder do Grupo de Pesquisa Poder, Violência e Cidadania do CNPq. <https://orcid.org/0000-0001-5651-9723>  
**cbarreira08@gmail.com**